

A NAÇÃO CONTADA POR IMAGENS: ARTE, CULTURA VISUAL E ESCRITA DA HISTÓRIA

 *Cecilia Helena L. de Salles Oliveira*^{1,2}

 *Maraliz de Castro Vieira Christo*^{3,4}

Os registros visuais e audiovisuais de eventos, personagens e processos históricos relacionados às Independências e à formação de identidades nacionais nas Américas, vem merecendo o estudo e questionamento de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

As imagens, para além das representações e sentidos que lhes são atribuídos por seus autores, possuem enorme capacidade de gerar efeitos, de promover e propor intervenções sociais, o que alarga os circuitos de produção, circulação e atualização em que geralmente são inseridas. É fundamental, então, reconstituir e contextualizar historicamente não só as práticas artísticas e formais de que são o resultado mais aparente como, sobretudo, sua dimensão narrativa e o peso por ela desempenhado na construção e introjeção de conceitos e

1 Museu Paulista da Universidade de São Paulo. São Paulo – São Paulo – Brasil.

2 Cecilia Helena L. de Salles Oliveira é professora titular sênior no Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Doutora em História Social pela USP, tem se especializado em História política da Independência e do Império bem como em estudos sobre as relações entre história, memória e representações visuais.

3 Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora – Minas Gerais – Brasil.

4 Maraliz de Castro Vieira Christo é professora titular na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, tem se especializado em História da Arte, com ênfase na Arte no Brasil, nos séculos XIX e XX.

interpretações sobre as “comunidades imaginárias nacionais”, como as denominou Benedict Anderson, forjadas no Brasil e na América, desde o século XIX⁵.

As fontes visuais vêm sendo exploradas pela disciplina da História há muito tempo, mas, desde a década de 1980, em particular, acentuou-se a preocupação em conceituar e delimitar um campo específico denominado “cultura visual”, voltado sobretudo para a relevância e amplitude que a visualidade adquiriu com o desenvolvimento de tecnologias de reprodutibilidade de pinturas, gravuras e fotografias e com a expansão das relações de mercado mundiais, a partir do Oitocentos⁶. A cultura visual extrapola manifestações tradicionalmente associadas à arte, em suas diferentes vertentes, como a escultura e a pintura, por exemplo, abrangendo, também, fotografias, espaços expositivos, museus e representações visuais em movimento, como filmes e audiovisuais. Um dos focos de análise desse campo é o estudo dos modos culturais de ver, das relações entre o ver e o não-ver, dos filtros pelos quais aprende-se a olhar a natureza e a sociedade, discutindo-se, igualmente, os nexos entre ver e conhecer, bem como procedimentos culturais de observação/ação que podem obliterar ao invés de esclarecer⁷. Como observou Manuel Luís Salgado Guimarães.

“...Tornou-se lugar comum a afirmação de que vivemos em um tempo marcado pela força das imagens - e da visão como um dos sentidos fundamentais para a apreensão e decodificação do mundo que nos

5 ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. D. Bottmann. 2ª. reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

6 Ver sobre o assunto. KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens. arte e cultura visual. *ArtCultura*. Uberlândia, v. 8, n.12, jan/jun, 2006, p. 97-115, www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406; MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, v. 23, n. 45, 2003, p. 11-36, <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>.

7 Conferir OLIVEIRA, Cecília Helena L. de Salles. Museus de História em debate. controvérsias e interfaces entre memória e conhecimento histórico. In: HERNANDEZ, F; CURSINO, A et al (org). *Museologia e Patrimônio*. Leiria (Portugal), Instituto Politécnico, 2019, p. 146-175; CHRISTO, Maralíz; PICCOLI, V; PITTA, f (Org). *Coleções em diálogo*. Museu Mariano Procópio e Pinacoteca de São Paulo. São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2015.

cerca...O que ver, quando parece que podemos tudo ver em virtude dos meios postos a serviço da escrita da História? Como refletir acerca dessa complexa relação entre o visível e o invisível, que está na raiz mesma do trabalho do historiador, quando os meios de visibilidade do passado parecem infinitamente alargados pela capacidade técnica de arquivamento do passado?...”⁸

Roger Chartier, entre outros autores, lembrou, por outro lado, como a produção de imagens, em suportes os mais diferenciados, está imbricada à produção e veiculação de discursos sobre o poder, sobre as relações sociais, as hierarquias e formas de dominação⁹. Para ele, a partir das revoluções liberais de fins do século XVIII, as lutas políticas engendraram, simultaneamente, lutas simbólicas e de representação. Compreende-se, desse modo, o peso de monumentos, pinturas históricas, panteões, esculturas, arcos do triunfo, bandeiras, flâmulas, gravuras e demais formas de representação visual na configuração do universo da política, em concomitância à construção de memórias e de narrativas históricas que cristalizaram, na escrita e em imagens, interpretações sobre episódios, personagens e cronologias¹⁰.

Já Paulo Knauss, ao discutir o delineamento do campo de estudos que se convencionou denominar “cultura visual”, salienta não apenas diferentes modos de abordar imagens e representações ao longo do tempo como sublinha questões que ajudaram a balizar este Dossiê. A primeira delas diz respeito aos vínculos entre narrativas visuais, produção de sentidos e processos sociais. “Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural”, o que para o autor conduz a uma segunda ordem de questionamentos. “a socieda-

8 GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. Anais do Museu Paulista da USP, vol. 15, n. 2, jul/dez, 2007, p. 11-30, <https://doi.org/10.1590/S0101-47142007000200002>.

9 CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, São Paulo, USP, vol.5, n. 11, 1991, p. 173-191, <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.

10 ANDERSON, Benedict. Op. cit.; e HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org). A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

de também se organiza a partir do confronto de discursos” e é “nesse terreno que se estabelecem as disputas simbólicas como disputas sociais”¹¹. Os processos de produção e atualização de sentidos no âmbito de lutas políticas e de representações levam à compreensão de que, tal como as palavras, mas em uma dimensão diversa e específica em relação ao texto escrito, as imagens não são manifestações destinadas à contemplação ou mera manipulação, constituindo-se em agentes ativos de mobilização e ação política bem como de configuração da memória¹².

Representações visuais produzidas durante os movimentos independentistas e ao longo dos processos conflituosos de construção das nacionalidades em antigas áreas coloniais, nos séculos XIX e XX, vem sendo intencionalmente replicadas por seu possível valor estético e, notadamente, porque projetam uma “realidade” experimental e presencial de um passado, continuamente reformulado e reconstituído como recurso para o exercício do poder. Imagens e figuras repetidas a exaustão, mas deslocadas das intenções e das circunstâncias históricas em que foram forjadas, não só canalizam o olhar, treinam a visão a reconhecer ali uma biblioteca de símbolos relacionados a identificação nacional, como alimentam versões sobre a nação e suas características, buscando coletivizar e mobilizar comunidades para formas de visualizar e reconhecer positivamente uma cultura que naturaliza em nome da liberdade e da igualdade, hierarquias e desigualdades.

As contribuições aqui reunidas, ao mesmo tempo em que aprofundam a análise sobre os conjuntos documentais específicos, lançam questionamentos sobre os nexos indissolúveis entre cultura e política, entre escrita da História nacional e imagens, concretizadas na forma da pintura histórica, do cinema e de monumentos públicos. Em um momento tão complexo como o que vivemos no qual, em fun-

11 KNAUSS, Paulo. Op. cit.; Ver, também, MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Op.cit.

12 Consultar a esse respeito: VESENTINI, Carlos Alberto. A teia do fato. Proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo, PPG História Social/HUCITEC, 1997.

ção de interesses mercadológicos e políticos mesquinhos, um turbilhão de imagens nos agride cotidianamente, espalhando a ficção de realidades paralelas e destruidoras da dimensão humana e coletiva da vida, nada mais oportuno do que as reflexões propostas por Ana Carolina, Armelle, Carlos Rogério e Yobenj. Cada um deles, no âmbito de suas perspectivas metodológicas e documentais, nos convida a mergulhar no universo da cultura visual, mas levando conosco o crivo da crítica, das vinculações entre o passado e o presente nacionais e, notadamente, da possibilidade de ressignificar patrimônios que se tornaram familiares, mas que são igualmente documentos de dominação política, do mercado soberano e da exclusão dos que não conseguem sobreviver aos processos competitivos.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. D. Bottmann. 2ª. reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, São Paulo, USP, vol.5, n. 11, 1991, p. 173-191, <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.
- CHRISTO, Maraliz; PICCOLI, V; PITTA, f (Org). Coleções em diálogo. Museu Mariano Procopio e Pinacoteca de São Paulo. São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2015.
- GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado. representação e escrita da história. Anais do Museu Paulista da USP, vol. 15, n. 2, jul/dez, 2007, p. 11-30, <https://doi.org/10.1590/S0101-47142007000200002>.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org). A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens. arte e cultura visual. ArtCultura. Uberlândia, v. 8, n.12, jan/jun, 2006, p. 97-115, www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, v. 23, n. 45, 2003, p. 11-36, <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>.

OLIVEIRA, Cecília Helena L. de Salles. Museus de História em debate: controversias e interfaces entre memória e conhecimento histórico. In: HERNANDEZ, F; CURSINO, A et al (org). *Museologia e Patrimônio*. Leiria (Portugal), Instituto Politécnico, 2019, p. 146-175.

VESENTINI, Carlos Alberto. A teia do fato. Proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo, PPG História Social/HUCITEC, 1997.

Recebido em: 20/10/2021 – Aprovado em: 22/10/2021